



República de Angola
Ministério da Educação

4

EDUCAÇÃO MANUAL E PLÁSTICA

—
4.ª CLASSE



4

**EDUCAÇÃO MANUAL
E PLÁSTICA**

—
4.ª CLASSE

TÍTULO

Educação Manual e Plástica | Manual da 4.ª Classe

REDACÇÃO DE CONTEÚDOS

Augusto João Ferreira
Bernardo Carlos Simão
José Amândio Francisco Gomes
Fernando Mateus

ILUSTRAÇÃO

Juques de Oliveira

CAPA

Ministério da Educação – MED

COORDENAÇÃO TÉCNICA PARA A ACTUALIZAÇÃO E A CORRECÇÃO

Ministério da Educação – MED

REVISÃO DE CONTEÚDOS E LINGUÍSTICA

Paula Henriques – Coordenadora
Catele Conceição Jeremias
Domingos Cordeiro António
Gabriel Albino Paulo
Joaquim António Rangel José
Mbyavanga Emília Malungo Bundo
Silvestre Osvaldo de Margarida Estrela
Tunga Samuel Tomás

EDITORA

Editora Popular

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Damer

ANO/ EDIÇÃO/ TIRAGEM

2021/ 1.ª Edição/ 1 228 341 Exemplares

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 10257/2021
ISBN 978-989-762-263-2



Centralidade do Sequele, Rua 6, Bloco 12, Edif. 5ª
Cacuaco, Luanda – Angola

geral@editorapopular.com

© 2021 Editora Popular

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado na Lei dos Direitos de Autor. Ficam salvaguardados os direitos das instituições afectas ao Ministério da Educação, sempre que estiver comprovada a necessidade de realização de estudos, com vista ao desenvolvimento directo ou indirecto do processo de ensino-aprendizagem.

Apresentação

Querido(a) aluno(a),

As lições seleccionadas para esta classe visam conduzir-te ao nível do progresso e de desenvolvimento, num mundo em constante mudança, através de conteúdos e de exercícios diversificados para a consolidação de algumas matérias, assim como o conhecimento de outras.

Deste modo, irás estudar, neste manual escolar de Educação Manual e Plástica da 4.^a Classe, matérias sobre representação sintética de formas bidimensionais a partir de objectos tridimensionais; tratamento da área através da cor e a representação de formas tridimensionais a partir de objectos tridimensionais. O cuidado das proporções.

Esperamos que as lições a serem estudadas te ajudem a ampliar os conhecimentos, a desenvolver habilidades e a compreender as realidades actuais do nosso país, do nosso continente e do mundo, pois será desta forma que crescerás social e intelectualmente.

O Ministério da Educação

Índice

TEMA 1

Representação sintética de formas bidimensionais

a partir de objectos tridimensionais 6

1.1 – O tratamento da forma no desenho através dos contornos: Cubos, prismas, cilindros e cones 10

Como dar tratamento da forma no desenho através dos contornos 12

Representação linear de um objecto simples a partir de um modelo real 15

Apreciação e crítica das obras 16

1.2 – Composição com dois objectos a partir do modelo real. Estudo das proporções dos objectos 18

Composição com dois objectos num fundo simples. 21

Apreciação e crítica das obras 22

TEMA 2

O tratamento da área através da cor 23

2.1 – A delimitação da área através da pintura 23

A relação figura-fundo por meio da pintura 25

TEMA 3

Representação de formas tridimensionais a partir de objectos tridimensionais. O cuidado das proporções ... 27

3.1 – Modelagem 29

Modelagem em barro ou plasticina: Representação de objectos simples a partir de modelos reais: cubos, cilindros, pirâmides e cones 31

Representação de objectos utilitários mais complexos a partir de modelos reais 34

Apreciação e crítica das obras 35

3.2 – Introdução ao papel-machê 36

Como proceder para se obter uma forma aplicando a técnica do papel-machê? 38

Revestimento a cores no acabamento dos objectos. 41

Apreciação e crítica das obras 44

3.3 – A criação através da técnica mista 45

Criação de uma obra em técnica mista a partir de um fenómeno percebido e através da imaginação 51

Referências bibliográficas 52

TEMA 1

Representação sintética de formas bidimensionais a partir de objectos tridimensionais

Quando observamos as coisas, os objectos, as árvores, os animais, as casas, as pessoas, os jardins, os rios, os mares, entre outros elementos, estamos a tomar conhecimento da realidade que nos rodeia ou nos circunda. Esta observação que fazemos também pode chamar-se **percepção visual**, que não é mais do que a captação de tudo aquilo que nos rodeia, através dos nossos olhos.



Fig. 1 Observação de uma paisagem.

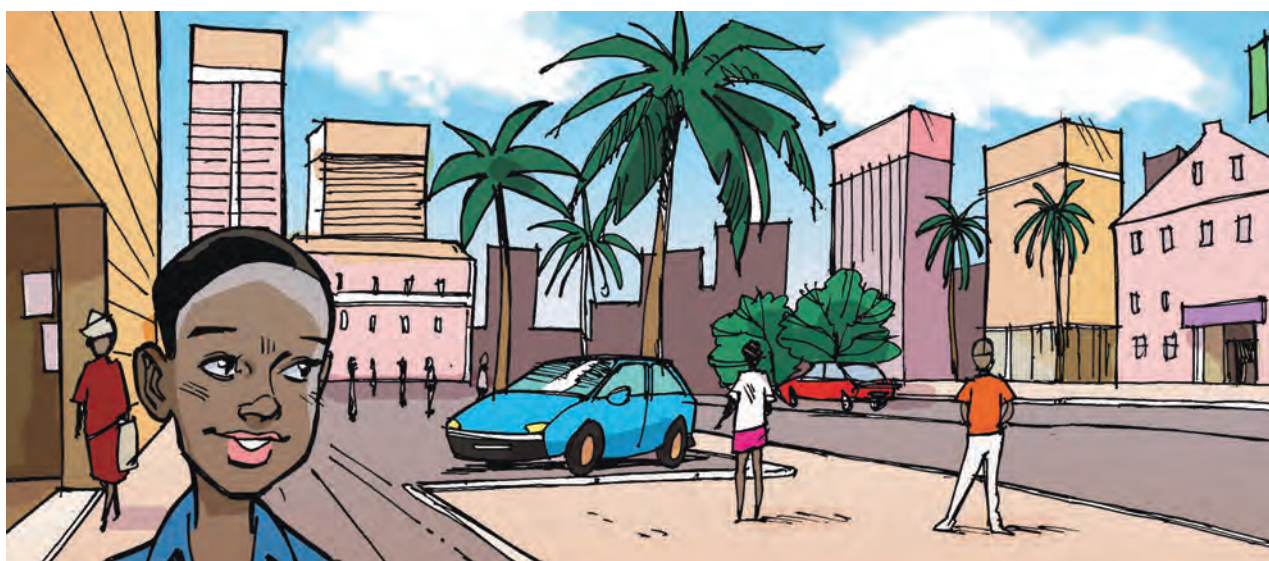


Fig. 2 Observação de casas, pessoas, jardins, carros, entre outros.

Depois de teres observado tudo aquilo que te rodeia, podemos dizer que o sentido da vista é o mais importante para podermos ver, olhar, observar as formas das coisas, dos objectos, das pessoas, entre outros.

Mas, afinal de contas, o que é a forma?

A forma é o modo como uma coisa existe ou o aspecto exterior das coisas, objectos, entre outros.

Em qualquer lugar em que estejas, se olhares a volta, verificarás que estás sempre rodeado de alguma coisa.

No entanto, nem sempre fixamos os detalhes das formas que olhamos, porque não estamos interessados nos pormenores; isto quer dizer que estamos a olhar de uma forma natural, distraída.

Se observarmos as coisas ou os objectos a nossa volta, com um certo interesse, o modo ou a maneira de olharmos para essas coisas ou objectos (formas) muda: será uma observação mais atenta, porque é um olhar diferente do habitual.

É por esta razão que quando se diz que estás a olhar de um modo ou de maneira diferente do habitual, estás a observar uma realidade que poderá ser um objecto, um a coisa, um animal, ou uma pessoa, a fim de teres um conhecimento mais profundo sobre ela. É importante que saibas que existe o olhar e o saber olhar.



Fig. 3 Observação de vários objectos com diferentes formas e tamanhos.



Fig. 4 Observação de formas com bastante atenção.

Depois de termos abordado acerca do olhar e do saber olhar, já te perguntaste por que razão falamos tão insistentemente deste assunto? Se te perguntarem de que cor é aquela casa, aquele carro, aquela flor, só é possível responderes se olhares para o objecto sobre o qual te estão a perguntar, não é?

Se o teu/tua professor/a te orientar para representares ou desenhares um vaso para flores ou um outro objecto que não esteja visível naquele momento, então como será possível representá-lo ou desenhá-lo? Só será possível representá-lo ou desenhá-lo se estiver visível ou então se já o viste alguma vez, caso contrário não será possível. Por isso, é importante saber olhar ou observar para poder conhecer, representar ou desenhar uma coisa ou um objecto.



Fig. 5 Observação e representação atenta de uma vista de exterior.

É importante também saberes que quando estás a observar as pessoas, os animais, os objectos e as coisas, estas formas são reais e têm três dimensões: **o comprimento, a largura e a altura (volume)**. As formas, quando têm três dimensões, chamam-se **formas tridimensionais**.

Quando se vai desenhar ou representar estas **formas tridimensionais** no papel, no quadro, no cimento ou na areia, elas passam a ser **formas bidimensionais**.

Por que razão isto acontece?

Acontece precisamente porque o papel, o quadro, o cimento, a areia, nas suas superfícies, têm somente duas dimensões: **o comprimento e a largura**. Portanto, todas as formas que eram tridimensionais, quando representadas ou desenhadas nessas superfícies passam a ser **formas bidimensionais**.

Actividade

Se realmente compreendeste, faz o seguinte: observa à tua volta e representa ou desenha uma forma tridimensional que encontrases. Não te esqueças de que tudo o que representares ou desenhares no papel passa a ter a forma bidimensional.

Se o teu colega estiver a traçar uma casa, um carro, uma árvore, uma pessoa ou um animal, no papel, no quadro ou mesmo na areia, o que estaria ele a fazer? Será que estaria a desenhar ou a representar? Que formas passam a ser **tridimensionais** ou **bidimensionais**?



Fig. 6 Aluna observando e representando no papel uma forma tridimensional (tigela).

Vamos recordar-nos da linha, pois vamos continuar a utilizá-la como recurso importantíssimo para representar ou desenhar as formas observadas.

1.1 – O TRATAMENTO DA FORMA NO DESENHO ATRAVÉS DOS CONTORNOS. CUBOS, PRISMAS, CILINDROS E CONES

Antes de mais, vamos relembrar o que falámos nas aulas anteriores. Tratámos da forma dos objectos, das coisas, das pessoas, dos animais, entre outros, que apresentam formas reais. Também falámos sobre um elemento visual chamado linha que é fundamental para podermos representar ou desenhar uma forma ou mesmo representar uma ideia.

Também não te deves esquecer que tudo aquilo que nos rodeia tem forma.

As formas podem ser **naturais** ou **criadas pelo ser humano**.



Fig. 7 Observação de formas naturais.



Fig. 8 Observação de formas criadas pelo homem.

Depois de teres estudado as formas, pensa em algumas formas naturais e em algumas formas criadas pelo ser humano.

As **formas naturais** são aquelas que existem na natureza, sem que o ser humano as tenha criado, por terem surgido naturalmente.

Exemplo de formas naturais: as pessoas, os peixes, os rios, as árvores, as montanhas, as rochas, entre outros.

As **formas criadas pelo ser humano** são produto da sua **imaginação**, da sua **criação** e do seu **trabalho** .

Exemplo de formas criadas pelo ser humano: casas, carros, bicicletas, camas, televisores, rádios, telefones, computadores, mesas, entre outros.



Fig. 9 Menino a criar uma forma.

Quando quiseres representar ou desenhar uma destas formas, o que vais utilizar? Aqui está a linha para representares as formas. As linhas, sempre na sua representação, podem ser de forma **vertical**, **horizontal**, **oblíqua** e em **ziguezague**.

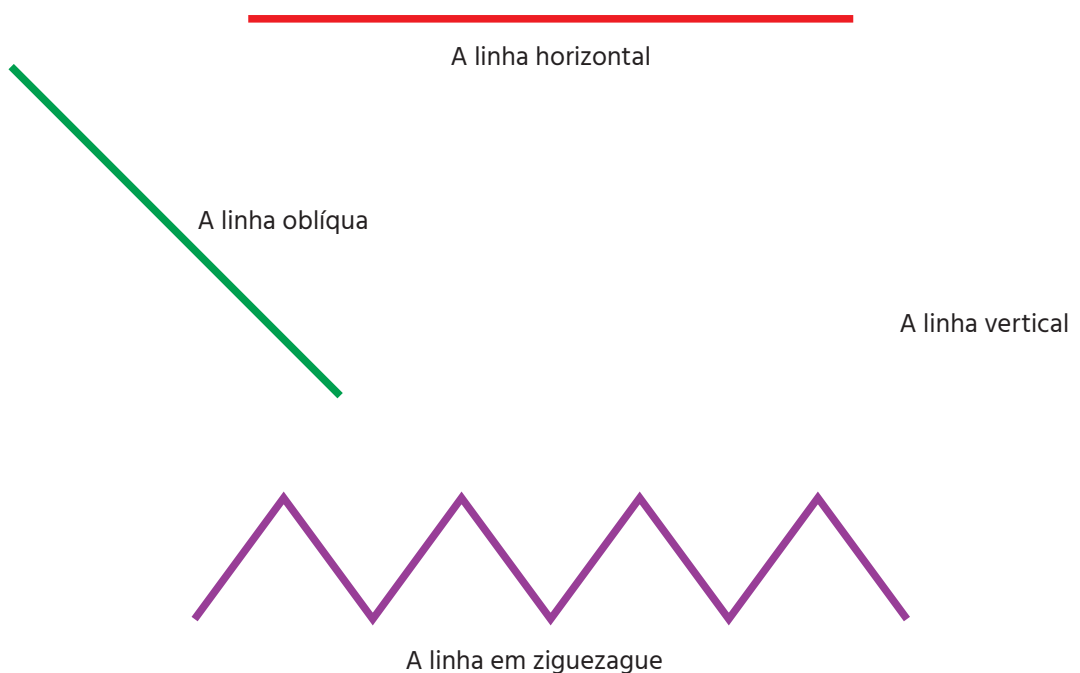


Fig. 10 Diferentes tipos de linhas para representar as formas.

COMO DAR TRATAMENTO DA FORMA NO DESENHO ATRAVÉS DOS CONTORNOS

Para tratarmos da forma no desenho, temos de conhecer primeiro dois aspectos: **o esboço** e **o desenho**.

Quando pretendemos desenhar algo, na primeira fase, traçamos as linhas sem termos em conta se estão muito grossas, tortas, carregadas, claras ou mesmo escuras. A esse exercício que fazemos denominamos esboço.

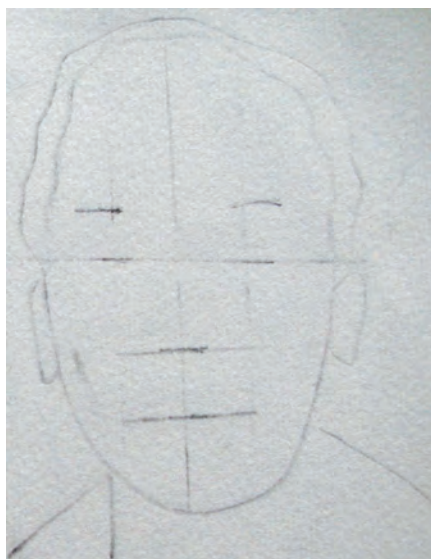


Fig. 11 Primeiros traços do esboço do rosto de uma criança.

Então, **o esboço** representa a etapa ou a fase inicial de um desenho feito com traços simples e que pretende encontrar a forma que se quer desenhar.

Ao fazeres um esboço, lembra-te que primeiro imaginas, crias a imagem e depois comesças a trabalhar. O primeiro trabalho é o esboço que deve ser feito com rapidez e sem a necessidade de recorrer a uma borracha para apagar.

Por que razão não deves preocupar-te em apagar? É simples: porque quando fizeres um traço e achares que não está como queres, poderás fazer outro traço ao lado deste, sem ter a necessidade de apagar.

Observa à tua volta, escolhe uma forma e faz o esboço da mesma.

Agora, vamos falar do outro aspecto ou elemento que é o desenho.

O **desenho** é a representação gráfica de uma forma real ou imaginária.

Nota que em qualquer trabalho que fizeres, estará sempre presente o desenho, juntando-lhe a linha.

Tendo em conta do que aprendeste sobre o esboço e o desenho, diz que diferença existe entre os dois.

Depois de identificares as diferenças, faz um desenho de uma forma que escolheres ou que estiver perto de ti.

A seguir, trataremos da forma no desenho. Quando pretendemos representar ou desenhar uma forma, precisamos de ter um espaço para poder fazê-lo. A percebemo-nos da forma devido às suas **linhas de contorno**.

Afinal de contas, o que são linhas de contorno? **Linhas de contorno** são configurações do que se vê, limitando a forma do espaço que ocupa. A configuração separa o volume da forma do seu espaço.

Quando desenhamos uma forma ou um objecto, estamos precisamente a tratar das linhas de contorno e do espaço que a forma ocupa, o que não é mais do que **o tratamento da forma no desenho através dos contornos**.

Observa, atentamente, as figuras que se te apresentam. Tens alguma ideia de que sólidos geométricos se tratam?

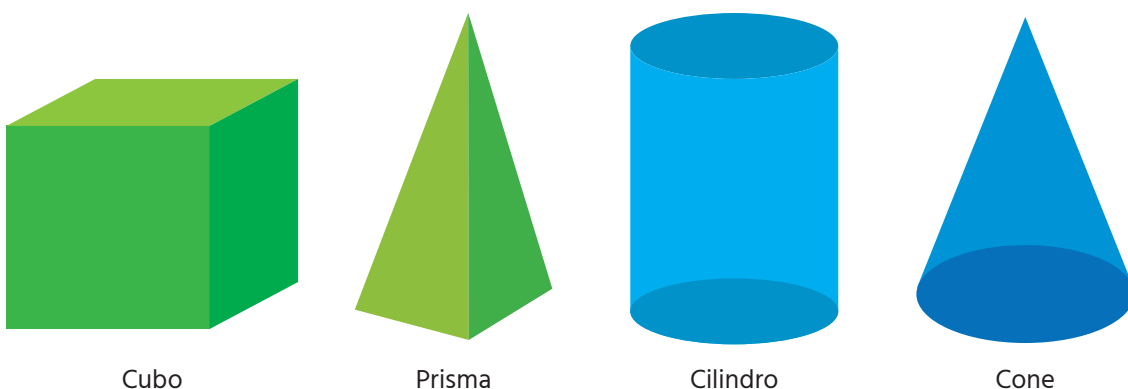


Fig. 12 A expressão do rosto é dada através das linhas de contorno dos olhos, do nariz, da boca, entre outros.



Fig. 13 A aplicação de sombras cria a ilusão de volume.

Claro, trata-se do cubo, do prisma, do cilindro e do cone.



Cubo

Prisma

Cilindro

Cone

Olha à volta e vê se encontras algumas formas semelhantes a estas que te apresentamos. Caso as tenhas encontrado, de que sólidos geométricos se tratam?

Os quatro sólidos geométricos apresentados foram feitos utilizando linhas. Essas linhas são linhas de contorno que dão a configuração da forma e permitem identificar o cubo, o prisma, o cilindro e o cone.

Observa, cuidadosamente, as figuras e desenha-as, de forma que os teus colegas possam identificá-las como cubo, prisma, cilindro e cone.

Agora, já sabes que onde quer que te encontres, no campo, na praia, no rio, na cidade ou na aldeia, se quiseres representar ou desenhar uma forma, mesmo que seja simples, a partir de um modelo real, a primeira coisa que tens de fazer é observar, ou seja, saber olhar, saber ver, para que ao desenhares possas aproximares-te ao modelo real.



Fig. 14 Representação de uma casa (modelo real).

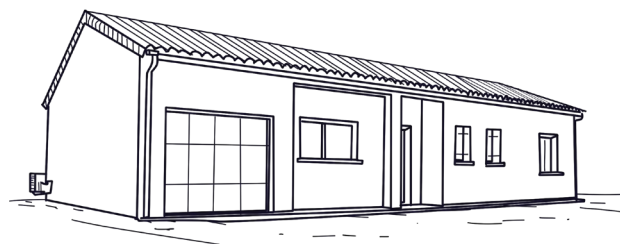


Fig. 15 Casa desenhada.

O que significa saber representar ou desenhar a partir de um modelo real?

Não é mais do que saber ver, observar, para depois representar ou desenhar, tendo em conta o modelo real que se está a observar. Mas atenção, para saber representar é preciso aprender a desenhar, **dar tratamento da forma no desenho através das linhas de contorno.**

Não te esqueças que só se aprende a desenhar, desenhando.

Actividade

Segura uma figura geométrica ou outro objecto e representa-o ou desenha-o em modelo real e, depois, faz uma comparação entre elas. Será que são semelhantes ou diferentes?

REPRESENTAÇÃO LINEAR DE UM OBJECTO SIMPLES A PARTIR DE UM MODELO REAL

Muitas vezes caminhamos e olhamos para aquilo que está à nossa volta, sem analisarmos o que estamos a ver, porque não prestamos a devida atenção.

É importante sabermos olhar, conforme já foi referenciado, para podermos descobrir os pormenores ou detalhes do que se vê.



Fig. 16 Paisagem com árvores.

Por exemplo, existem muitas flores no jardim, mas, como só olhamos, nunca paramos para observar, por isso desconhecemos a sua variedade.

Sabes por que é que isto acontece? Pois é, porque quando só se olha por olhar, escapa-nos muita coisa, mesmo que passemos todos os dias no mesmo local.

Então, há que saber ver para conhecer, entender e compreender os significados das coisas do mundo que nos rodeia.



Fig. 17 Recanto de jardim com flores variadas.



Fig. 18 Menino curioso, olhando com atenção para aquele rato pintado no muro e que dá a sensação de estar a serrar um buraco no chão...

APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS

Apreciação significa observar, indicar os aspectos positivos e negativos de um determinado trabalho ou obra. Isto sucede com os nossos trabalhos e com os dos outros também.

Os trabalhos que tu fazes, como, por exemplo, o desenho, a pintura, a composição, a modelagem e não só, mesmo que os consideres já terminados, há sempre tempo ou oportunidade para que o/a professor/a, os colegas e outras pessoas manifestem o seu ponto de vista sobre os referidos trabalhos.

Essa apreciação ou crítica que tu ou as outras pessoas (professor/a e colegas) fazem ao teu trabalho, chama-se avaliação.

Quando fizeres, seja o que for, tens a necessidade de avaliar o teu trabalho, para saberes realmente o que conseguiste ou aonde podes chegar, como consegui-lo e o que falta fazer.

É importante saberes que fazes apreciações ou que avalias constantemente, porque emites opinião sobre os trabalhos dos outros e muitas vezes não te dás conta. Não é verdade que gostas de comentar as notícias ou um jogo de futebol? Quem jogou bem ou então quem não jogou bem? Estás a ver, fizeste uma apreciação ou avaliaste o trabalho do outro. **Por isso, é muito bom, antes que os outros avaliem o nosso trabalho, que o avalies tu primeiro.** Não tenhas vergonha do que venham a dizer sobre o

teu trabalho. Aproveita sempre o que disseram, seja bom ou mau, para o melhorares. Sempre que buscas a melhoria do teu trabalho, estás a fazer a auto-superação. Repara que no desporto, às vezes, ouvimos dizer que um atleta superou a sua própria marca. É o caso do basquetebolista Miguel Lutonda, conhecido nas lides como o General.

Para saberes um pouco mais sobre a auto-superação, procura informação sobre este basquetebolista Miguel Lutonda.



Fig. 19 Miguel Lutonda.

Actividade

Observa as obras, com bastante atenção, e faz uma apreciação ou avaliação sobre elas.



Fig. 20 Quadro com uma pintura abstracta.



Fig. 21 Quadro com a imagem concreta da Rainha Njinga Mbande.

- Faz uma obra, que pode ser um desenho, uma pintura ou mesmo uma composição, para avaliares e depois comenta-a com os teus colegas.

Obs. Para comentares o teu desenho, usa as seguintes palavras: linha, desenho, concreto/a, forma, sombra, pintura.

1.2 – COMPOSIÇÃO COM DOIS OBJECTOS A PARTIR DO MODELO REAL. O ESTUDO DAS PROPORÇÕES DOS OBJECTOS

Estás recordado de quando, na terceira classe, fazias a composição com várias figuras, colocando-as por separadas, uma de cada vez, ou ainda juntas de forma a produzir figuras combinadas e utilizando várias cores para as pintar? Pois é, continuaremos com a composição, utilizando várias técnicas como: o desenho, a pintura, o recorte, o rasgado, a aspensão, a modelagem, entre outras.



Fig. 22 Composição com figuras pintadas, recortadas e coladas em papel.

Para fazeres uma composição, primeiro tens de ter a ideia de como queres que a composição seja feita, de que técnicas vais utilizar, o desenho, a pintura, o rasgado, entre outros elementos, e se vais combinar todas as técnicas, o espaço para se fazer a composição, o tamanho das figuras (proporções), o equilíbrio e a harmonia que deve existir na composição.

Como explicar todos esses elementos ou aspectos?

- **A ideia** – consiste em saber realmente o que se vai fazer na composição.
- **Técnicas** – conjunto de procedimentos tais como: a pintura, o desenho, o recorte, a aspensão, a modelagem, entre outros.
- **O espaço** – volume que vai ocupar a forma ou objectos ou, então, a obra a ser produzida.
- **Tamanho das figuras, formas ou objectos** – dimensão do objecto, se é grande ou pequeno, isto é, que espaço vai ocupar.
- **A proporção e o equilíbrio** – são dois elementos muito ligados que têm a ver com os tamanhos das formas e que, combinados, trazem o equilíbrio e a harmonia a uma composição.

Então, já sabes que quando utilizares, numa composição formas, objectos, figuras e imagens que sejam grandes ou pequenas e que precisam de estar juntas, isso tem a ver com a **proporção** ou **proporções**.

Numa composição, quando estivermos a falar da proporção ou proporções, estamos a referir-nos precisamente ao tamanho das formas (grande e pequeno), ao equilíbrio que é necessário que exista ao compararmos as formas, os objectos, as imagens, que devem ser proporcionais entre si.

O que quer dizer que, na composição, a figura ou forma grande não deve ofuscar a imagem da forma pequena e vice-versa. Os objectos, as formas e as imagens devem ser colocados de maneira a que haja proporcionalidade, equilíbrio e harmonia, inclusive, nas cores a serem utilizadas.

Os tamanhos das formas ou objectos, as imagens, os espaços ou volume que ocupam, as cores utilizadas numa composição são **proporcionais** e equilibradas, porque existe harmonia entre as partes que integram a composição.

Quando fores fazer uma composição com **dois objectos a partir do modelo real**, lembra-te sempre de saber ver, observar o objecto ou a forma em questão.

Lembras-te das figuras geométricas de que falámos: o cubo, o prisma, o cilindro e o cone? Vamos voltar a utilizá-las.

Observa à tua volta e verás que existem várias formas semelhantes a essas figuras geométricas.



Fig. 23 Composição desequilibrada: não se deve colocar um elemento importante a meio do desenho.



Fig. 24 Composição proporcional e equilibrada entre as partes.

Actividade

Desenha um cubo, um cilindro e depois volta a desenhar dois cones de forma separada. Depois de desenhar o cubo, o cilindro e os dois cones, procura combiná-las.

Agora, volta a desenhar um cubo e um cilindro, mas por cima de cada uma destas figuras, desenha um cone. Vê que figura tens agora. Claro, é uma casa, onde o cubo e o cilindro ficam como as paredes e os cones como tecto.



Fig. 25 Objectos com formas geométricas que podemos combinar para criar novas formas.



Fig. 26 Aluna desenhando sólidos geométricos.

Faz uma composição com outros modelos reais como, por exemplo, paisagens, edifícios, pessoas, animais, entre outros, tendo em conta os aspectos já referenciados anteriormente para que uma composição seja proporcional, equilibrada e harmoniosa, a fim de vermos as partes como um todo na composição.

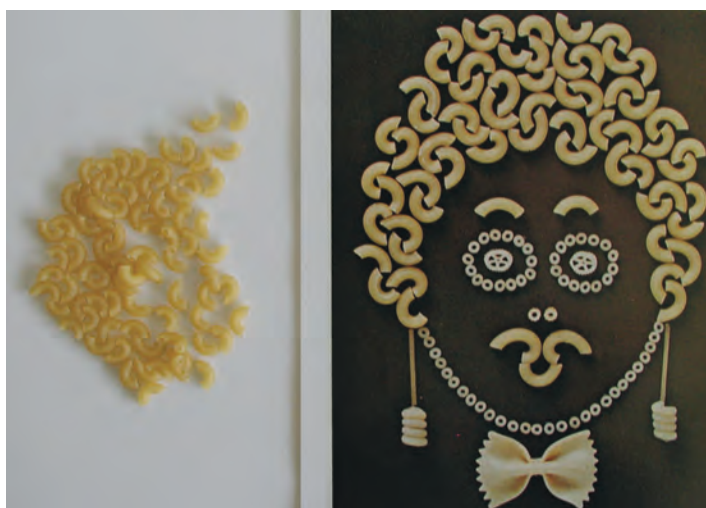


Fig. 27 Cara construída com massinhas em que foi respeitada a proporção das formas do rosto humano.

COMPOSIÇÃO COM DOIS OBJECTOS NUM FUNDO SIMPLES

Depois de termos tratado da composição como a organização possível das partes que são vistas como um todo, falaremos do fundo simples.

Quando é que uma composição tem um fundo simples?

Pois bem, comecemos por um exemplo muito prático. Decerto já tiraste várias fotografias, não é? Repara: tiras uma fotografia encostado à parede. O que sai na fotografia? Claro que sai a tua imagem encostada à parede. Quando observamos a fotografia, vemos a tua imagem e, por trás da imagem, encontramos a parede, simplesmente. O que quer dizer que o fundo desta fotografia é a parede, porque é a única coisa que se vê e, portanto, o **fundo desta fotografia é simples**.



Fig. 28 Fotografia com fundo simples.



Fig. 29 Dois objectos diferentes com fundo simples.

É importante esclarecer que um **fundo simples** não é quando temos um, dois ou três objectos ou formas, mas quando por detrás da imagem principal, forma ou objecto não se observam outras imagens ou formas.

Exemplo: se pretendemos tirar uma fotografia a uma ou várias formas, dois objectos, que estejam na mesma linha, o fundo desta fotografia, destes dois objectos, será um **fundo simples**, porque por trás desta fotografia ou destes objectos ou formas não há nada, como se observa nas figuras anteriores.

Actividade

Com ajuda do/a teu/tua professor/a ou mesmo a partir da tua criatividade faz uma composição com várias formas ou figuras ou objectos onde apareça um fundo simples.

APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS

Quando estiveres a ler este livro, certamente que farás as tuas apreciações e as tuas críticas. Dirás se gostaste ou não da nossa proposta.

Quando isso estiver a acontecer, estarás a identificar os aspectos positivos e negativos, ou melhor, estarás a avaliar o nosso trabalho.

No nosso dia-a-dia, estamos sempre a avaliar e isto leva-nos a pensar e a ter consciência dos nossos avanços ou dos nossos progressos, a identificar os nossos erros e a forma de os ultrapassar.

Antes que os outros opinem sobre os nossos trabalhos, devemos ser nós próprios a apreciá-los e a avaliá-los. Quando as outras pessoas avaliarem os nossos trabalhos, devemos aproveitar sempre as ideias construtivas para melhorarmos os mesmos.

Observa, cuidadosamente, a obra que se segue e faz uma apreciação crítica da mesma.



Fig. 30 "O pintor". Obra realizada por um menino de onze anos.

Depois de teres apreciado a obra, faz a tua crítica e deixa que os teus colegas a avaliem.

TEMA 2

O tratamento da área através da cor

2.1 – A DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS ATRAVÉS DA PINTURA

Sempre que desenhamos um objecto ou qualquer outra forma numa folha de papel ou numa folha de cartolina, estamos a fazer uma representação sintética desse objecto. Quer dizer que estamos a fazer uma síntese desse objecto, tendo em conta o nosso ponto de vista, que é a visão que temos do mesmo.

Normalmente, o desenho envolve apenas alguns traços a lápis de carvão ou lápis de cores que representam pontos, linhas, áreas e volumes.

Neste tema, vamos tratar da representação ou da delimitação das áreas através da pintura. Se observares os desenhos que tens feito, tanto neste ano como nos anos anteriores, estes têm uma mesma tonalidade acinzentada, o que significa que o lápis de carvão tem a mesma cor. Significa que, no desenho, até às áreas e os volumes normalmente são monocromáticos, ou seja, têm uma só cor que geralmente é a do lápis de carvão.



Fig. 31 Representação ou delimitação das áreas através da pintura.



Fig. 32 Delimitação das áreas que compõem a forma do objecto.



As áreas na pintura não são delimitadas com linhas, mas com as diferenças de cores ou com as diferenças de tonalidades da mesma cor. É o que dá a ideia dos limites de uma área. Normalmente, cada área na pintura pode significar uma cor diferente ou uma tonalidade diferente de uma mesma cor.

Actividade

Agora, para pôr em prática o que aprendeste sobre a delimitação das áreas através das cores, observa um objecto e trata de determinar quais são as cores que compõem o mesmo. Copia o mesmo com o lápis, mas de uma forma ligeira, e pinta as suas áreas, de acordo com as cores do objecto original.

A RELAÇÃO FIGURA-FUNDO POR MEIO DA PINTURA

Cada objecto reflecte os tons das cores que tem, ou seja, as tonalidades próprias. Mas, caso algum objecto esteja iluminado com a luz de uma cor diferente, este ganha alguns tons de cores da luz que ilumina.



Fig. 33 O mesmo objecto ganha tonalidades diferentes pela mistura de cores.

O mesmo também acontece, mesmo que não tenha uma luz de cor diferente, mas quando o objecto que vamos representar se encontra próximo de outro objecto ou numa superfície de outra cor muito intensa.



Fig. 34 A mesma garrafa quando colocada sobre uma superfície de luz colorida ganha novas tonalidades.

Em ambos os casos, ou seja, nas duas situações, o objecto que representamos deve ser pintado com as tonalidades da luz, da superfície ou dos objectos que estiverem próximos e que tiverem alguma influência nas cores do objecto que queremos representar.

Actividade

Vamos, agora, experimentar colocar um objecto sob uma luz de outra cor ou por cima de uma superfície ou ao lado de outro objecto de cor diferente, de modo a que as suas cores originais sejam influenciadas por outras cores.

Como já estudaste as cores primárias e secundárias na 2.^a Classe, poderás descobrir o modo de obter as cores secundárias a partir das cores primárias, caso haja necessidade.

Quando observamos os objectos e as diversas formas que existem na natureza e na nossa sociedade, no nosso dia-a-dia, notamos que estes não se encontram isolados, portanto, isso significa que estão sempre num ambiente que pode ser num quarto, numa sala, numa floresta, numa praia, num rio, numa estrada ou num outro lugar.

Cada ambiente que envolve um objecto, uma figura ou uma forma que representamos, seja por meio do desenho ou por meio da pintura, constitui o fundo que o acompanha.

Esse fundo pode ser simples ou complexo e, dependendo dos casos, pode ter a mesma influência nas cores das figuras e objectos que representamos, como exemplos, nos parágrafos anteriores, já que, nestes casos, as cores do fundo reflectem-se na figura.



Fig. 35 O mesmo barco foi pintado sobre um fundo simples (à direita) e um fundo colorido, com tonalidades de várias cores e alguns reflexos (à esquerda).

Experimenta pintar um objecto simples que esteja representado sobre um fundo muito simples como, por exemplo, o mar, o céu, uma estrada, uma parede lisa, entre outros, mas que seja sempre de uma cor diferente em relação ao objecto ou à figura principal que estiver em primeiro plano.

Faz vários trabalhos, experimentando vários fundos com o mesmo objecto ou o mesmo fundo mas com cores diferentes, utilizando a mesma figura para que esta seja representada com diferentes tonalidades.

TEMA 3

Representação de formas tridimensionais a partir de objectos tridimensionais. O cuidado das proporções

Como é do teu conhecimento, nas classes anteriores falámos das formas bidimensionais e tridimensionais e, como te podes lembrar, quando tratámos destas formas, definimos que as formas bidimensionais são aquelas que apresentam duas dimensões (comprimento e largura), por exemplo: os desenhos feitos nas folhas de papel, nos cadernos, na superfície de cimento, na areia e nas paredes. Estas figuras são bidimensionais. As formas tridimensionais são aquelas que apresentam três dimensões (comprimento, largura, altura), onde está implícito o volume.

Agora, na 4.^a Classe, vamos aprofundar os conhecimentos adquiridos na classe anterior sobre a representação das formas. Neste caso específico, vamos representar as formas tridimensionais a partir de objectos tridimensionais. O que significa isto? Significa que existem objectos como casas, carros, bicicletas e outros objectos ou formas, como os animais e pessoas que têm três dimensões. Quando modelamos estas formas, mantemos as três dimensões (o comprimento, a largura e a altura), mas tendo sempre em conta a proporcionalidade que deve existir entre o objecto e a superfície onde se vai representar ou modelar o objecto. Por exemplo, se observarmos uma casa e modelá-la com as três dimensões, comprimento, largura e altura (volume), significa que as dimensões encontradas na casa observada foram aquelas que modelamos. Isto quer dizer que partimos de algo tridimensional, neste caso, a casa, para algo que é tridimensional, neste caso para a casa modelada, ou seja, do tridimensional para o tridimensional.

Outro aspecto que é importante ter-se em conta é a proporcionalidade das coisas, objectos e formas dos espaços que vão ocupar de forma a garantir que exista equilíbrio e harmonia entre as formas criadas e o espaço de trabalho ou o espaço disponível para ser utilizado. Devemos utilizar convenientemente o pequeno ou o grande espaço que tivermos para criar, mas sem se esquecer do equilíbrio e da harmonia que devem existir entre todos os elementos, como o espaço e as coisas, os objectos, as formas, entre outros. Tudo o que modelamos tem as três dimensões (comprimento, largura e altura - volume) e, portanto, é tridimensional.

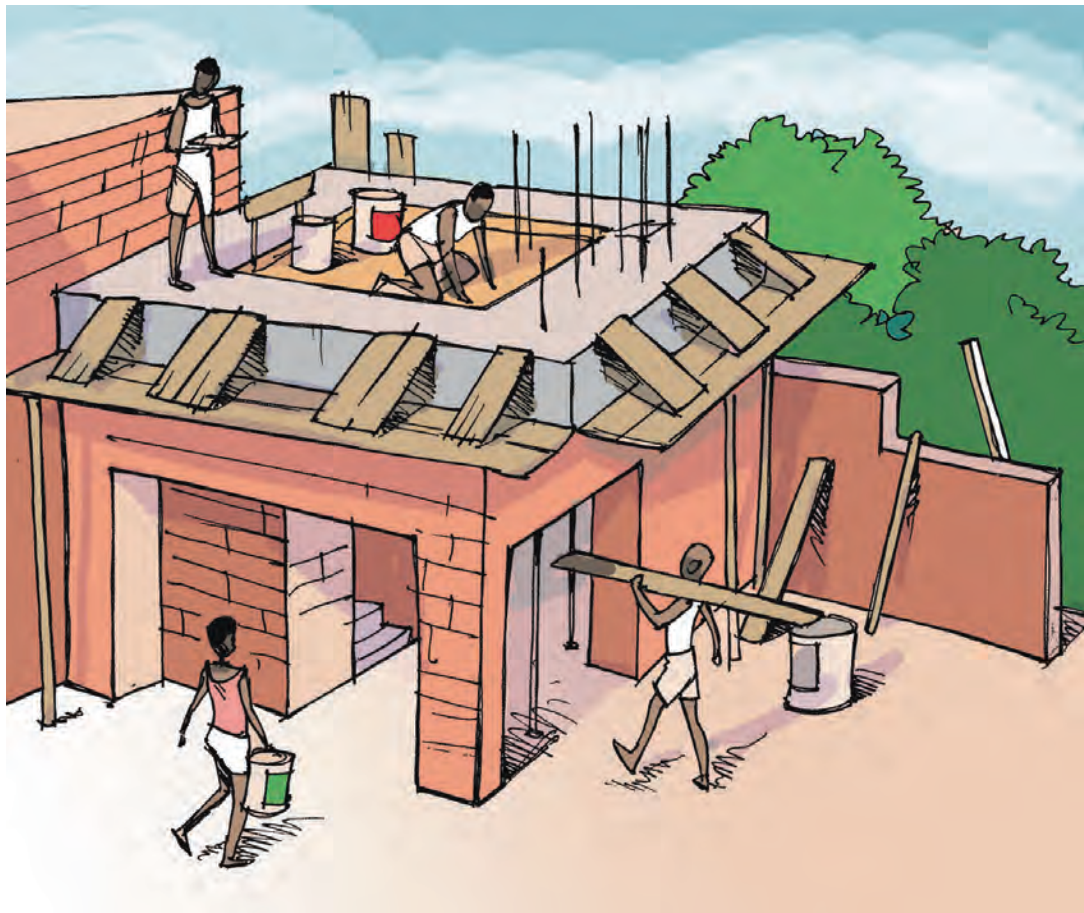


Fig. 36 Representação de formas tridimensionais.

3.1 – MODELAGEM

Modelar é um processo ou técnica conhecido desde a Antiguidade que consiste em dar forma a qualquer material moldável, ou modificar qualquer substância, de modo a que venha a apresentar, depois de trabalhado, os aspectos que desejamos. Para que isso aconteça, essa substância tem forçosamente de possuir uma propriedade que lhe permita mudar de forma com facilidade, sem se desmanchar; tem de ser plástica, ou seja, tem de possuir plasticidade.

A expressão artística de modelagem permite-nos desenvolver aptidões saudáveis, criadoras e realizar uma obra pessoal. Os alunos encontrarão nela alegrias autênticas e constantemente renovadas. Como é do teu conhecimento, a modelação é feita com a utilização de vários materiais como: pasta de plástico, de barro, de madeira, de papel, de plasticina ou de farinha e de argila.

No nosso caso, a pasta mais barata e que mais facilmente se pode conseguir é a de barro, porque este é muito abundante na superfície terrestre e pode ser reconhecido com facilidade e extraído com pouco trabalho.

Antes de abordar os conteúdos referentes à modelação, na 4.ª Classe, queremos lembrar que, na 3.ª Classe, estudaste a forma e aprendeste que faz parte da linguagem plástica.

Com ela, pretendemos identificar os objectos e as coisas que existem à nossa volta. Para compreendermos a forma das coisas que nos rodeiam, devemos começar por observá-las com muita atenção, vendo todos os pormenores (configuração, tamanho, peso, cor, entre outros). Portanto, para dar forma a qualquer material, é preciso observar primeiro, ver e saber ver.

Observa as ilustrações que se seguem.



Fig. 37 Representação de uma forma tridimensional.



Fig. 38 Câmara de filmagem.



Fig. 39 Modelagem de imagens tridimensionais.

Quando aprendeste a modelar utilizando o barro e a plasticina como material principal, ainda na 3.^a Classe, realizaste, de forma progressiva, exercícios onde criaste formas para diferentes objectos, como: objectos redondos (laranjas, bolas, maboque, entre outros), objectos achatados (moedas, bolachas, entre outros), objectos ovais (limões, ovos, entre outros), objectos cilíndricos (garrafas, canecas, entre outros) e objectos côncavos (barcos, tigelas, cestos, conchas, entre outros).

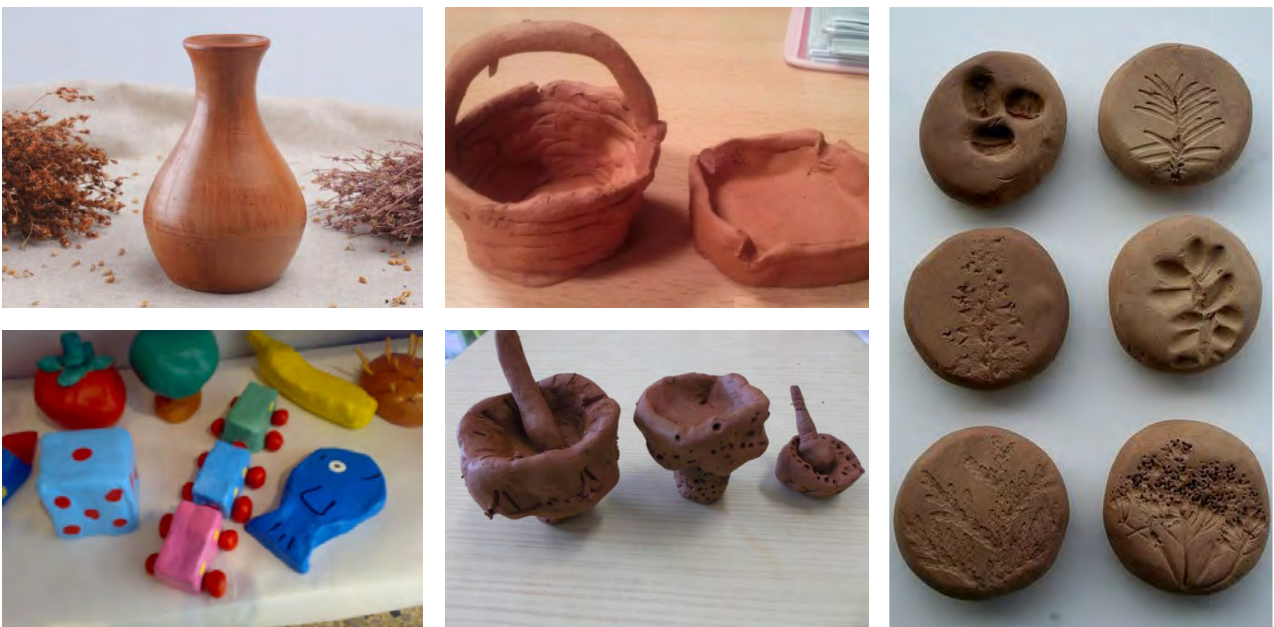


Fig. 40 Representação de formas de diferentes objectos.



Fig. 41 Representação de diversas formas de objectos.

MODELAGEM EM BARRO OU PLASTICINA: REPRESENTAÇÃO DE OBJECTOS SIMPLES A PARTIR DE MODELOS REAIS. CUBOS, CILINDROS, PIRÂMIDES E CONES

Na 4.ª Classe, vais continuar a aprofundar os conhecimentos sobre a modelagem dos objectos. Com a ajuda e a orientação do/a teu/tua professor/a, vais aprender a modelar alguns sólidos geométricos, tais como o cubo, o cilindro, a pirâmide e o cone. É importante prestar muita atenção à explicação do/a professor/a e aos passos a seguir para a criação destes objectos.



Fig. 42 Representação de objectos simples.



Fig. 43 Moldagem de plasticina.

Como já sabes, modelar é dar forma a qualquer material moldável. Com certeza, já brincaste com a areia ou com a terra misturada com água e criaste as tuas figuras, utilizando as mãos ou ainda com a ajuda de formas. Então, vais primeiramente moldar o barro ou a plasticina, porque é o material que vais usar para criar os objectos pretendidos. Neste caso, os objectos pretendidos são o cubo, o cilindro, a pirâmide e o cone, que fazem parte dos sólidos geométricos.

Mas, antes de continuares, vais colocar-te as seguintes perguntas: **Como proceder para modelar as figuras em barro? Como preparar este barro?** Para modelar as figuras em barro, é preciso preparar bem o barro que vais usar, retirando ou acrescentando água, até ficar com a plasticidade certa, amassando-o bem para que fique uma pasta homogénea pronta para trabalhar. Depois de amassar e rolar o barro em forma de bola, vais apoiar-te numa superfície dura, que pode ser uma mesa ou uma tábua de madeira.

Observa as figuras das ilustrações. Não te esqueças de que, quando estiveres a trabalhar com o barro, a plasticina, a argila ou outro material moldável, é importante proteger as carteiras, cobrindo-as com papel de jornal, revistas, cartolinas, entre outros materiais, a fim de evitar que sejam manchadas.



Fig. 44 Aluno a amassar e a trabalhar o barro.



Fig. 45 Aluno a utilizar objecto em barro (técnica da bola).

Actividade

Modela vários objectos de barro, na forma dos sólidos geométricos, mais concretamente o cubo, o cilindro, a pirâmide e o cone.

Depois desta abordagem, pensamos que já estás em condições de realizar exercícios sobre a modelagem de diferentes figuras em barro ou em plasticina, assim como em qualquer outro material moldável. Portanto, como primeiro exercício, a partir dos sólidos que modelaste, vais representar alguns objectos simples da tua preferência (figura humana ou animal).



Fig. 46 Trabalhos em barro realizados por alunos.

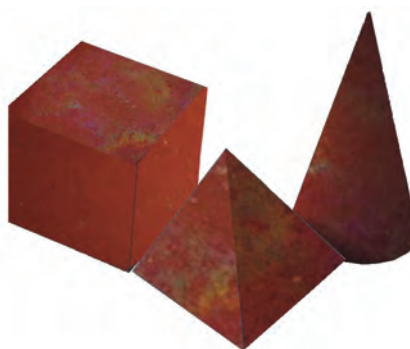


Fig. 47 Sólidos geométricos modelados em barro.



Fig. 47 Moldagem de objectos simples.

REPRESENTAÇÃO DE OBJECTOS UTILITÁRIOS MAIS COMPLEXOS A PARTIR DE MODELOS REAIS

Depois do que aprendeste no parágrafo anterior sobre a representação de objectos simples (figuras ou sólidos geométricos), vais realizar o seguinte tipo de exercício: utilizando os sólidos já modelados por ti, vais criar objectos utilitários como, por exemplo, televisores, apagadores, telefones, pastas, barris, entre outros. Poderás fazer-te a seguinte pergunta: como é que isto pode ser? Repara: modelaste um cubo, que é um sólido geométrico, e queres criar um objecto utilitário, neste caso, um televisor. Como fazer?

Actividade

A partir do cubo que modelaste e através da ligação de outros elementos modelados separadamente, vais dar a forma de televisor ao cubo. Successivamente, vais proceder da mesma maneira na criação de outros objectos.

Neste caso, a mensagem é a seguinte: existem sólidos geométricos em barro ou em plasticina. A partir destas figuras, podemos criar um objecto de utilidade social. Por exemplo, temos o cubo modelado e, a partir deste, queremos construir uma casa ou outro objecto que o ser humano utiliza.



Fig. 48 Exemplos de modelagens e construções de objectos a partir de sólidos geométricos.

Observação: é importante destacar que na modelação de sólidos geométricos utilizam-se várias técnicas como modelação em pleno relevo e técnicas da bola de acabamento.

Destas técnicas, somente vais aprender, na 4.^a Classe, a técnica de modelação em pleno relevo, que consiste no seguinte: com um pouco de barro, suficiente para a figura a modelar, vais dando forma ao trabalho, puxando e modelando até conseguires a figura que pretendes. Retocas pormenores e dás acabamento à peça ou ao objecto. Podes também realizar o trabalho, modelando separadamente cada uma das partes que constituirá a figura. Depois, é só proceder à ligação dos elementos.

Quanto às restantes técnicas, serão o objecto de estudo com pormenor e profundidade nas classes posteriores. Também queremos realçar que, neste tempo de trabalho com barro, as mãos são o principal instrumento, além dos **teques** que são utilizados em casos especiais.

Nota: Teque é um instrumento que tem como função ajudar as mãos nas tarefas mais difíceis, como o acabamento do objecto ou da forma.

APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS

Como é óbvio, todo e qualquer trabalho ou obra está sujeito à observação e, por conseguinte, a uma avaliação que permite fazer o juízo de valor. Neste contexto, as obras de arte também não fogem à regra. Portanto, depois da execução da obra, esta deve ser exposta no local ou por cima de uma superfície para ser apreciada. Mas, primeiramente, sermos nós, como autores, a fazer a apreciação que nos ajuda a determinar as características da obra apresentada, porque estas têm muito a ver com a qualidade da própria obra e do material utilizado, com o tempo da execução e com a complexidade da obra. Como segundo passo, daremos a oportunidade a outras pessoas, colegas de turma, de escola ou mesmo de profissão, para apreciar, observar, avaliar, criticar e emitir as suas opiniões sobre a obra apresentada.

3.2 – INTRODUÇÃO AO PAPEL-MACHÊ

Antes de fazer a abordagem sobre o **papel-machê**, vamos fazer uma pequena introdução histórica sobre o papel.

Desde sempre, o homem necessitou de comunicar. Para isso, utilizou diversos materiais de suporte. No princípio, foi a pedra, o barro amassado, a madeira, a casca de certas árvores e peles de animais. O papel foi o último material a ser descoberto, o que permitiu escrever mais facilmente e, devido à sua pouca espessura, facilitou o seu armazenamento. O que é o papel? O papel é um material feito de trapos ou vegetais (madeira) reduzidos a pasta. Para que se utiliza? Utiliza-se para vários fins, como para escrever livros, papel de embrulho, embalagem, imprimir moeda ou jornal, entre outros.

Lembra-te de que nas classes anteriores realizaste várias actividades ou exercícios onde utilizaste diferentes tipos de papéis. Então, já és capaz de identificar os objectos feitos com papel, bem como com vários tipos de papéis. Vamos observar alguns.



Fig. 49 Papel de jornal.



Fig. 50 Vários tipos de papel.



Fig. 51 Papel de máquina.



Fig. 52 Papel cavalinho (para desenho).



Fig. 53 Papagaios de papel.



Fig. 54 Construções, dobragens em papel.

Depois de teres observado e identificado os tipos de papel, vamos agora construir os objectos tridimensionais utilizando alguns tipos destes papéis, aplicando a técnica do **papel-machê**. Mas, antes, deves recordar que, na 3.^a Classe, estudaste algumas figuras geométricas que têm volume. O **volume** é a forma que tem três dimensões. Como já sabes, antes de construíres estes objectos, podes primeiro representar formas tridimensionais na tua folha de papel, tentando dar a ilusão de realidade. Como na modelação, pretende-se criar formas próximas do real e, usando este processo, poderás fazer fantoches, máscaras, frutos, pássaros e outras coisas que te apetecem realizar.

Para realizares formas em volumes, existem várias técnicas, mas vamos apresentar-te a **técnica do papel-machê**, por recorrer a um material fácil de arranjar, económico e por permitir uma variedade de realizações sem grandes problemas técnicos a resolver.

A **técnica do papel-machê** põe-se em prática, tendo em conta o tipo de trabalho a realizar. Por exemplo, para construirmos uma forma que tenha volume (objecto tridimensional), precisamos de ter uma estrutura que sirva de suporte ou apoio a esta forma.

Esta estrutura poderá ser feita de arame, saco de embalagem cheio de ar ou mesmo feita de balão. Também podemos aproveitar materiais recuperados, sobre os quais se pode criar a forma (garrafas, caixas, latas, copos descartáveis, entre outros).

Material necessário na aplicação da técnica do papel-machê:

- recipiente;
- jornal ou outro tipo de papel;
- Cola branca ou outro tipo de cola (de fábrica, caseira ou mesmo silvestre);
- uma tesoura (para cortar as tiras ou então estas poderão ser cortadas a mão);
- arame, balão ou ainda uma embalagem de plástico com ar ou ainda outro tipo de material recuperado (como caixas, garrafas, copos descartáveis, latas, entre outros).

Quando se aplica a técnica do papel-machê, o primeiro aspecto a ter-se em conta é a estrutura que vai servir de suporte à forma que se pretende obter.

Se for uma boneca, a sua estrutura será de arame; se for uma máscara, a sua estrutura será de saco ou de embalagem de plástico com ar, tal como pode ser de balão. Tudo isto depende da forma que se pretende construir.

COMO PROCEDER PARA SE OBTER UMA FORMA APLICANDO A TÉCNICA DO PAPEL-MACHÊ?

Pegamos nas tiras já cortadas, passamo-las por uma massa de cola e começamos a cobrir a estrutura até obtermos a forma desejada.

Se for especificamente o caso de uma máscara, o procedimento é o mesmo, que consiste em passar as tiras pela massa de cola e sobrepor ou cobrir a estrutura feita para o efeito de maneira a dar a forma que se pretende. Terminada esta fase, deixa-se secar ao sol (aproximadamente dois a três dias). Na fase seguinte, depois de secar, corta-se o balão ou a embalagem, a fim de se obter a máscara. Depois disto, fazem-se os orifícios ou buraquinhos que vão servir de olhos, boca e nariz, conforme a tua imaginação.

Observa as figuras e os passos a seguir para fazeres uma máscara.



Fig. 55 Passam-se as tiras cortadas de papel pela massa de cola branca ou outro tipo de cola e cobre-se a estrutura de balão ou da embalagem de plástico com ar.



Fig. 56 Pegando nas tiras de papel, vai-se cobrindo a estrutura e dando forma à figura.



Fig. 57 Seguidamente, corta-se o balão ou a embalagem ao meio, de maneira a obter a máscara.



Fig. 58 Depois de cortar a máscara ao meio, fazem-se os orifícios que correspondam aos olhos, à boca e ao nariz.



Fig. 59 Pinta a máscara a teu gosto.

Figuras feitas aplicando a técnica papel-machê:



Fig. 60 Animal (gato) feito por uma base de garrafa de plástico.

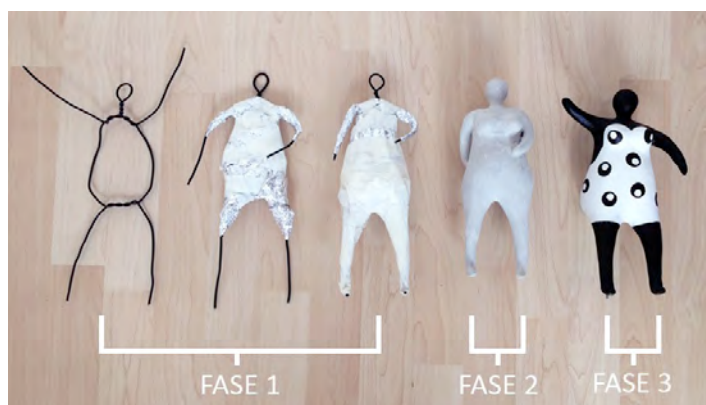


Fig. 61 Ser humano (senhora) feita por uma base de arame.

Actividade

Com ajuda do professor, segue os passos para produzir papel-machê:

- 1 – Pega num jornal (ou outro pedaço de papel) e pique-o todo em tiras bem fininhas;
- 2 – Mergulha o jornal numa bacia com água e deixa o papel de molho de um dia para o outro;
- 3 – No outro dia, desfaz e amassa o jornal húmido com as mãos, para que ele se torne uma massa homogénea;
- 4 – Faz pequenas bolas de massa com as mãos, ou dentro de uma toalha de pano, e aperta bem para retirar todo excesso de água;
- 5 – Coloca toda a massa seca num recipiente, amassa para desfazer e adiciona cola branca (30g de cola para cada 500g de papel);
- 6 – Mexe bem a mistura com as mãos, até que a cola fique bem aderida ao papel amassado. E já está o papel-machê para trabalhares a tua criatividade.

Depois da massa feita, podes dar forma a uma figura.

REVESTIMENTO A CORES NO ACABAMENTO DOS OBJECTOS

Antes de tratarmos do revestimento da cor no acabamento de um trabalho ou exercício, é importante falarmos um pouco da cor em si, como elemento visual que se encontra na natureza, oferecendo-nos tonalidades harmoniosas no meio que nos rodeia. Algumas cores transmitem sensação de calor e outras transmitem-nos sensação de frio.

Por exemplo, as cores quentes, como **vermelho**, **amarelo** e **laranja**, transmitem-nos a sensação de conforto e de alegria.

As cores frias, como **violeta**, **azul** e **verde**, dão-nos uma sensação de calma, espaço e frescura.



Fig. 62 Pormenor de superfície colorida com a predominância de cores quentes.



Fig. 63 Pormenor de superfície colorida com a predominância de cores frias.

É importante saber que as cores que te rodeiam influenciam-te. Deves ver, olhar e observar atentamente para que possas ter uma opinião sobre a cor que melhor se vai adequar ao que queres exprimir e para que não sejas indiferente e passivo perante situações que afectam o teu, o nosso equilíbrio e o bem-estar. E lembra-te de que só há cor onde existir luz.



Fig. 64 Paisagem com muita luz.



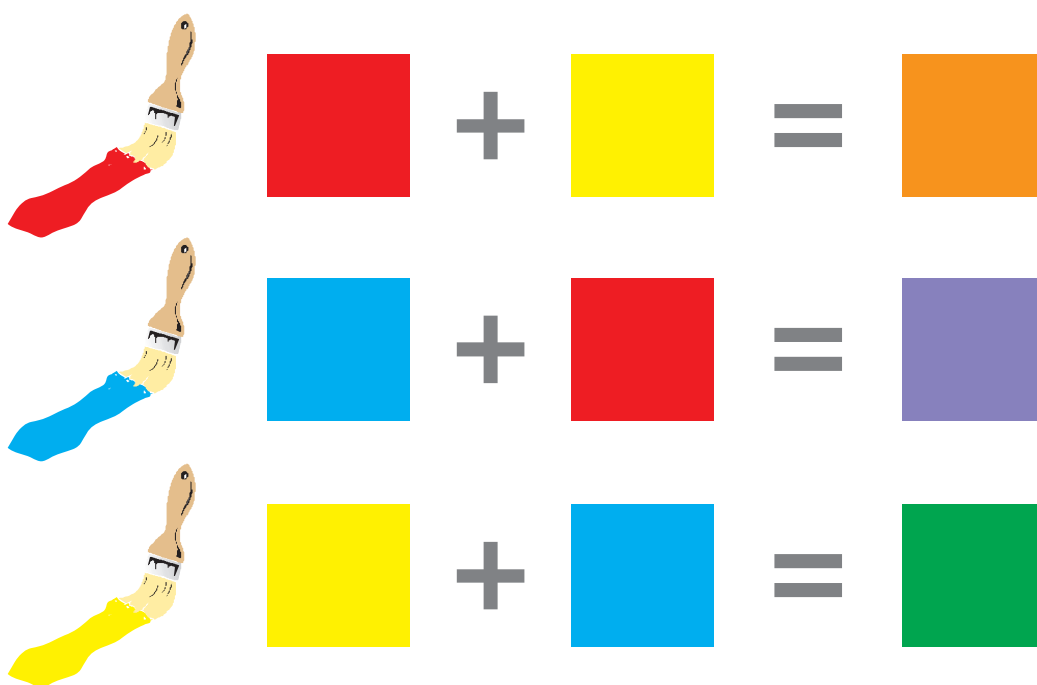
Fig. 65 Paisagem com pouca luz.

Depois de termos falado sobre as cores, resta-nos ver como proceder para revestir a superfície de um objecto. É importante saberes que revestir a superfície de um objecto a cor não é mais do que cobrir de cor a superfície conforme o nosso gosto. É bom realçarmos também que este processo deve ser feito em completa liberdade para poderes exprimir as tuas experiências cromáticas, misturando as cores primárias para obter as cores secundárias, como já viste nas classes anteriores.

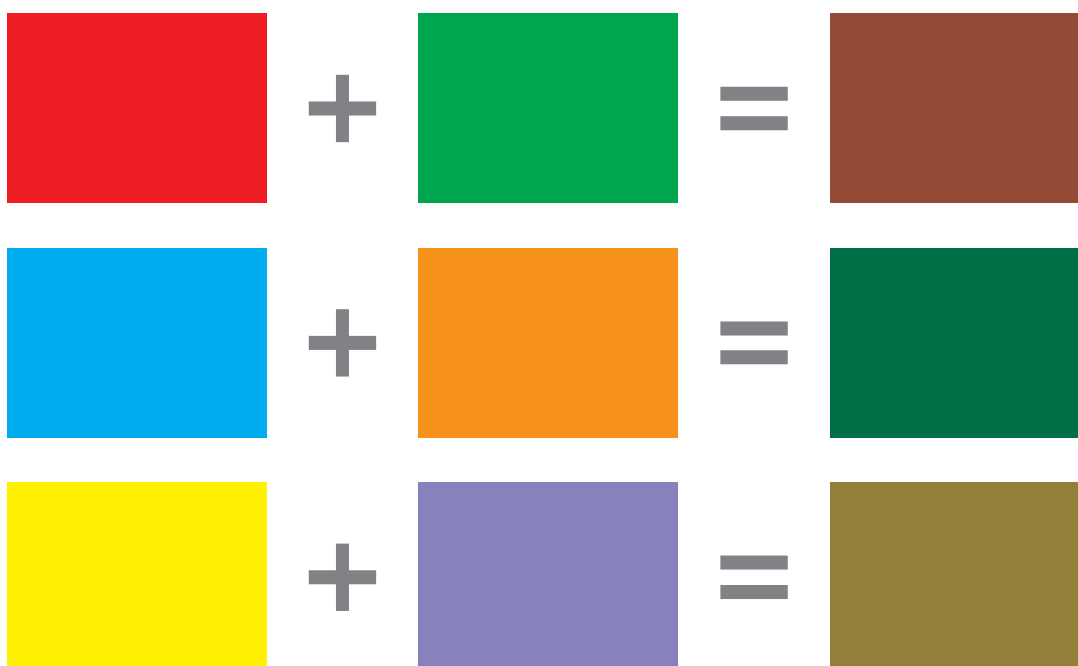
Exemplo: Cor amarela + Cor vermelha = Cor laranja

Cor vermelha + Cor azul = Cor violeta

Cor azul + Cor amarela = Cor verde



É com estas misturas de cores e tantas outras que podes revestir as superfícies dos objectos como forma de acabamento dos mesmos.



APRECIÇÃO E CRÍTICA DAS OBRAS

Já é do teu conhecimento que apreciação significa observar, indicar os aspectos positivos e negativos de um determinado trabalho ou obra.

Nos dois primeiros temas deste manual, abordaram-se com profundidade e com exemplos bem claros a questão da apreciação e crítica das obras. Neste Tema, somente, queremos fazer-te lembrar que todo e qualquer trabalho ou obra carece de uma apreciação e crítica. Isto quer dizer que, no fim de cada obra, vais seguir a mesma metodologia utilizada nos temas 1 e 2.



Fig. 66 Decomposição dos raios solares em raios de luz coloridos.

3.3 – A CRIAÇÃO ATRAVÉS DA TÉCNICA MISTA

Técnica mista (dobragem-origami, colagem, rasgado e recorte).

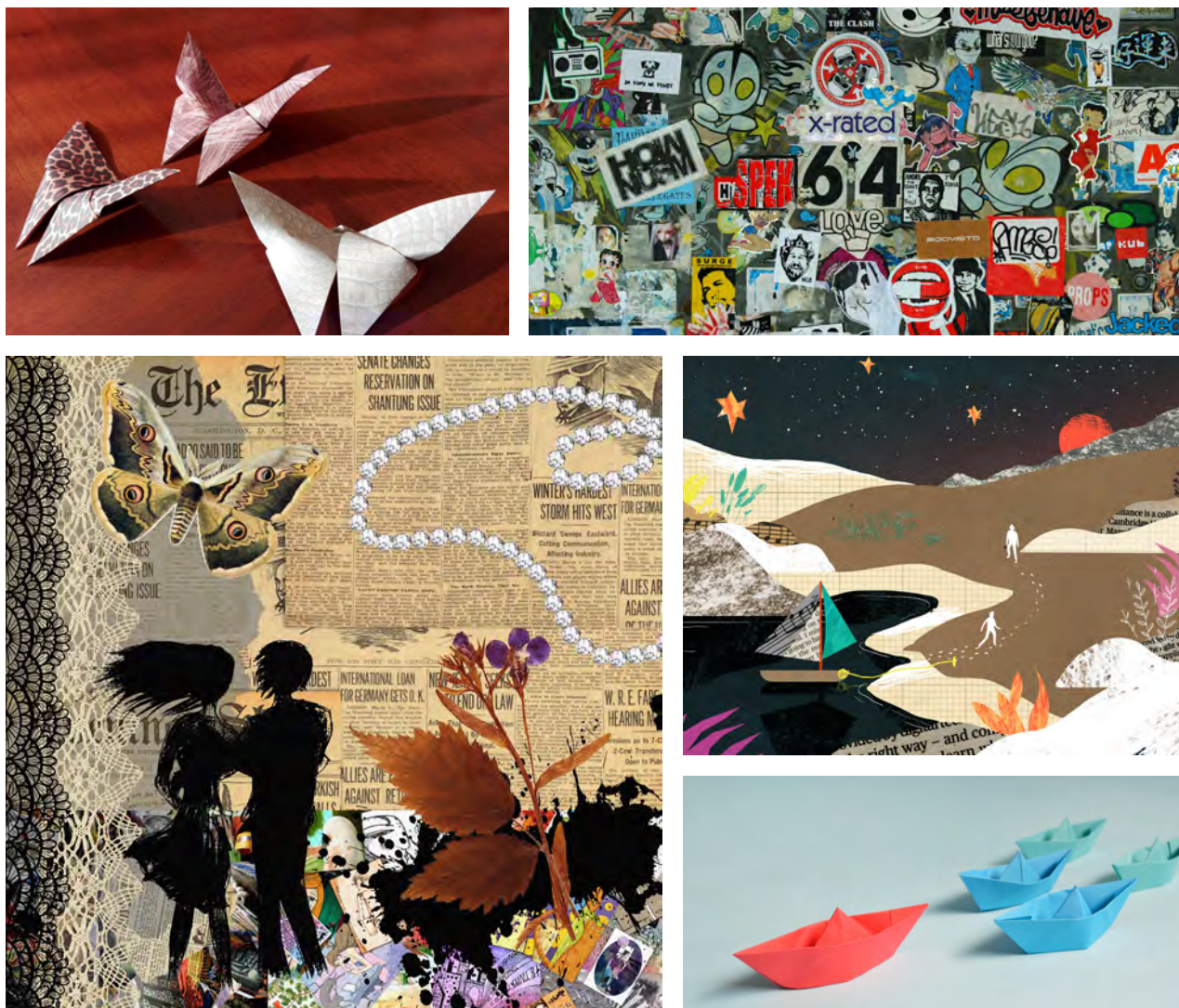
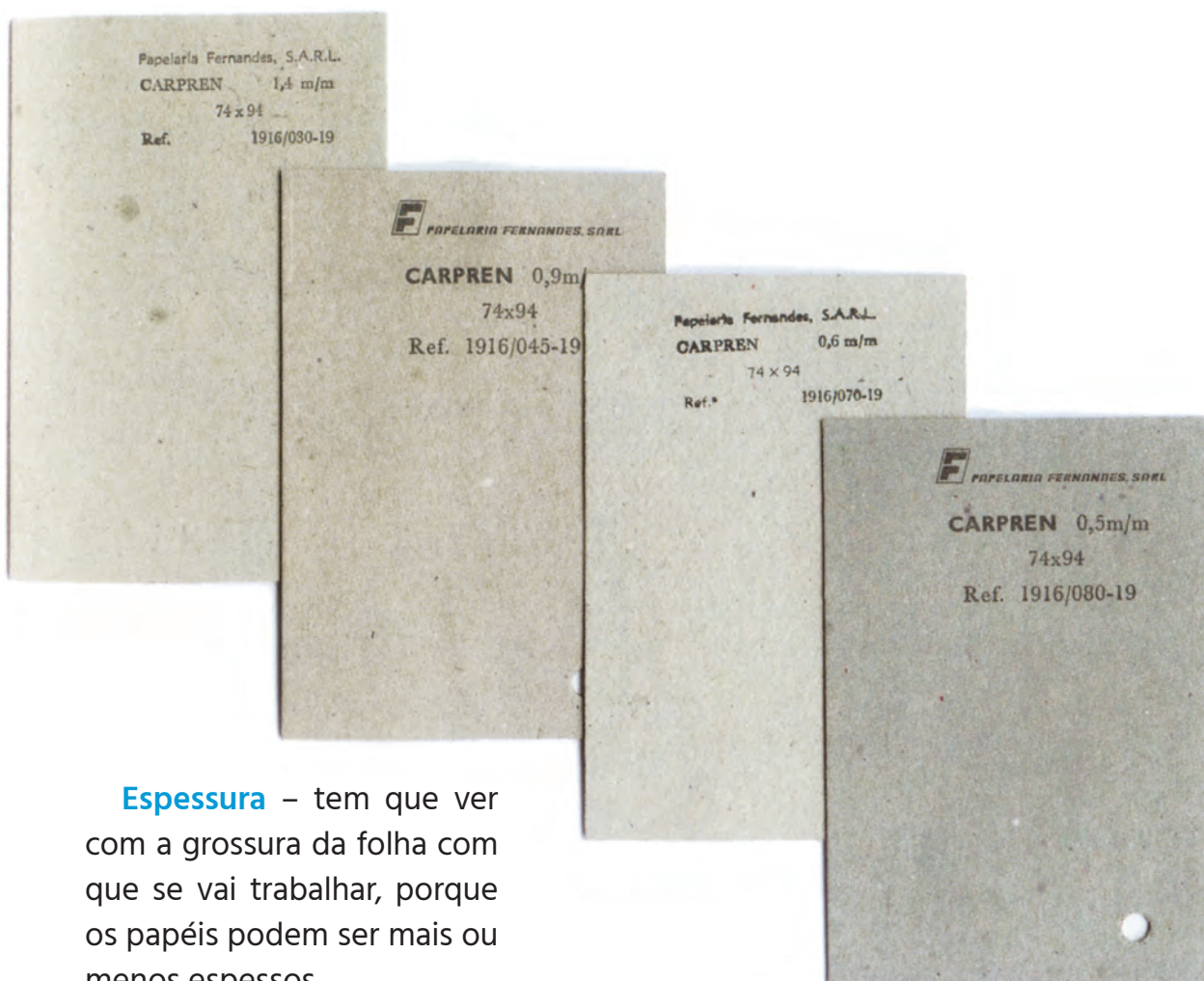


Fig. 67 Obras com técnicas mistas.

Antes de falarmos sobre a técnica mista, é importante que saibas o seguinte:

- Para executares qualquer trabalho em papel, é bom teres alguma noção sobre os diversos tipos de papéis com os quais vais trabalhar.



Espessura – tem que ver com a grossura da folha com que se vai trabalhar, porque os papéis podem ser mais ou menos espessos.

Resistência – está relacionada com a dureza que um papel pode apresentar ao ser cortado. Assim, uma folha de cartão é mais resistente do que uma folha de cartolina ou papel de lustro, isto é, corta-se mais facilmente uma folha de papel de lustro com uma tesoura ou faca (x-acto) do que um cartão.



Fig. 68 Corte de papel com x-acto.



Fig. 69 Corte de papel com tesoura.

DOBRAGEM EM PAPEL

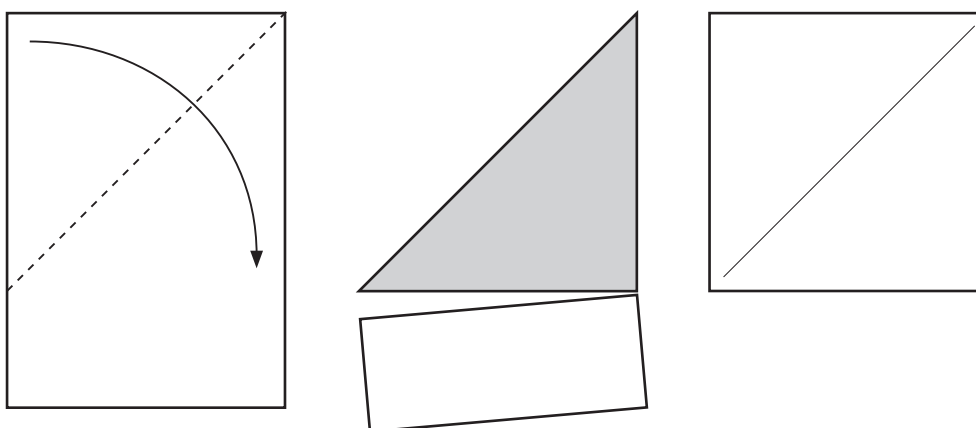
A dobragem em papel é uma técnica de dobrar folhas de papel para a criação de um objecto. Esta técnica de dobragem em papel tem a sua origem no Médio Oriente e os Japoneses chamam-lhe ORIGAMI, que significa **dobrar papel** (*Ori-* dobrar e *Gami-* papel).



Fig. 70 Dobragem de papel com o auxílio da régua.

Com certeza, já deves ter construído um ou vários objectos através da dobragem.

Quase todos os objectos que se fazem ou são executados por meio da dobragem têm como princípio uma folha quadrada. A partir de uma folha de papel rectangular, executamos um quadrado.



Execução de um quadrado a partir de uma folha de papel

- 1 – A partir de um dos cantos da folha, dobra-a até à outra margem, como indica a imagem acima.
- 2 – Como indica a imagem acima, vinca muito bem a dobragem.
- 3 – Dobra-se a ponta da folha vincando com a unha.
- 4 – Com as mãos, retira-se ou corta-se pelo vinco da dobragem, criando assim um quadrado a partir da dobragem.

Nesse trabalho de dobragem de papel, com a ajuda do/a teu/tua professor/ a, podes reciclar o material, incluindo folhas de jornais, revistas, entre outros objectos, para fazeres obras semelhantes às ilustradas abaixo.



Fig. 71 Construção com materiais reciclados.

Poderás aplicar essas experiências na execução de vários objectos, de acordo com as tuas necessidade ou mesmo desejos. Não te esqueças de que, na dobragem, o corte e a colagem são utilizados como meio para aperfeiçoamento do objecto, na sua fase final ou no seu acabamento.

RECORTE EM PAPEL

Consiste em recortar ou fazer recortes em papel acompanhando ou seguindo os contornos de uma figura.

Quando, por exemplo, queremos fazer um enfeite, podemos proceder de seguinte modo:

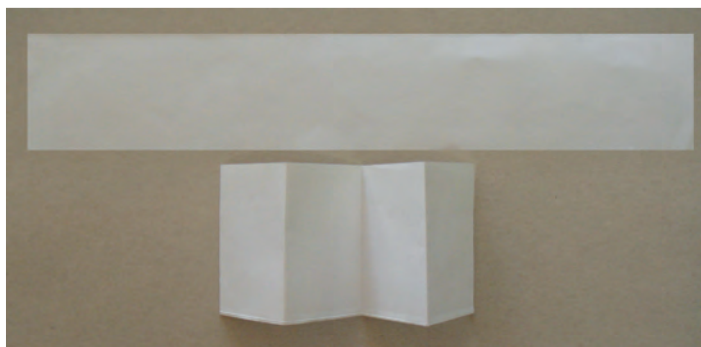


Fig. 72 Cortamos uma tira de papel e vamos dobrá-la sempre pelo meio até obtermos vários rectângulos todos iguais.



Fig. 73 Feita a dobragem da tira, desenhamos, no primeiro rectângulo, uma figura com os braços e as pernas abertas, como mostra a imagem.

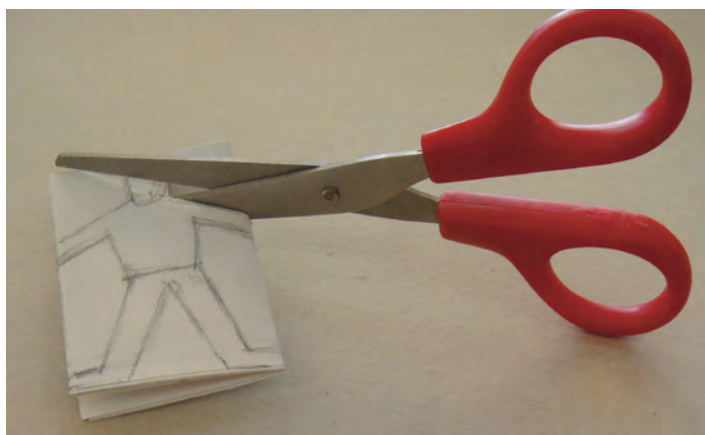


Fig. 74 Recortam-se, em simultâneo, os rectângulos obtidos na dobragem da tira, seguindo o traço do desenho, como mostra a imagem.

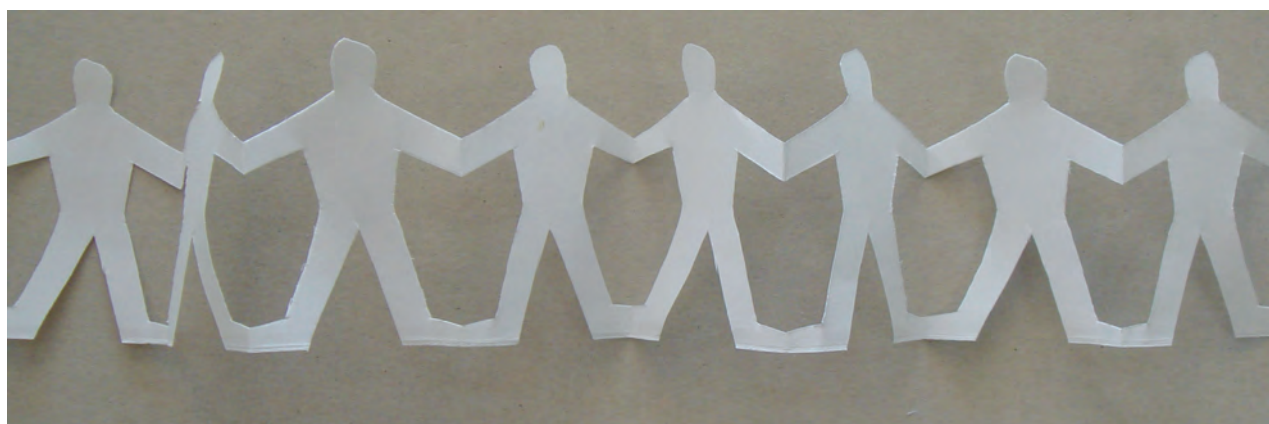


Fig. 75 Por último, ao desdobrarmos o papel, obtemos uma tira decorativa.

Com esta técnica, poderás fazer outros tipos de enfeites ou trabalhos, de acordo com a circunstância ou os motivos que venham a interessar-te. Então, agora sabes que através de um rectângulo, um quadrado ou um círculo podes fazer outros trabalhos ou enfeites.

Desse modo, a partir de um rectângulo, quadrado ou círculo desenha o que quiseres, recorta e terás vários enfeites.



Fig. 76 Obras realizadas através do recorte e dobragem do papel (origami).

TÉCNICA DE COLAGEM

A técnica de colagem consiste no uso de materiais, tais como: papéis variados, revistas, jornais, panos, entre outros, cortados ou mesmo rasgados de acordo com o que pretendemos criar ou construir, pondo a cola de forma a obter efeitos bonitos e agradáveis.

Para se fazer a colagem, é necessário ter-se em conta alguns procedimentos, tais como: preparação do material a ser utilizado (como papel, tipo de cola a ser usada, de acordo com o material), figuras ou desenhos a serem dobrados e recortados e, finalmente, colagem.

Ao trabalhar com essa técnica debes ter em conta o seguinte:

- proteger sempre o local de trabalho; não usar a cola em demasia; espalhar a cola uniformemente; não deixar secar demasiado a cola e acertar as formas a colar; usar um trapo limpo, que pode ser útil, quer para retirar os excessos de cola, quer para ajudar a fazer pressão nas superfícies a colar. Em relação à cola, debes saber também que existem vários tipos e que a debes escolher de acordo com o material a colar.

Para os papéis e para as superfícies não muito grandes e planos, escolhe uma cola de secagem lenta. Para outro tipo de superfícies como madeira, cartão, entre outros, debes utilizar uma cola de secagem rápida. Poderás utilizar pincéis grossos ou finos, de acordo com a dimensão da superfície a colar.



Fig. 77 Colagem de superfícies.



Fig. 78 Colagem de superfícies diferentes.

Actividade

Faz uma colagem onde se observam as actividades que realizaste durante as tuas férias.

O QUE É A TÉCNICA MISTA?

A técnica mista é a composição das técnicas de dobragem, colagem, rasgado e recorte (cortes).

Decerto, já tiveste um livro ou já viste alguns livros infantis ou mesmo desdobráveis onde se aplicou a técnica mista.

Exemplos de figuras realizadas através desta técnica:

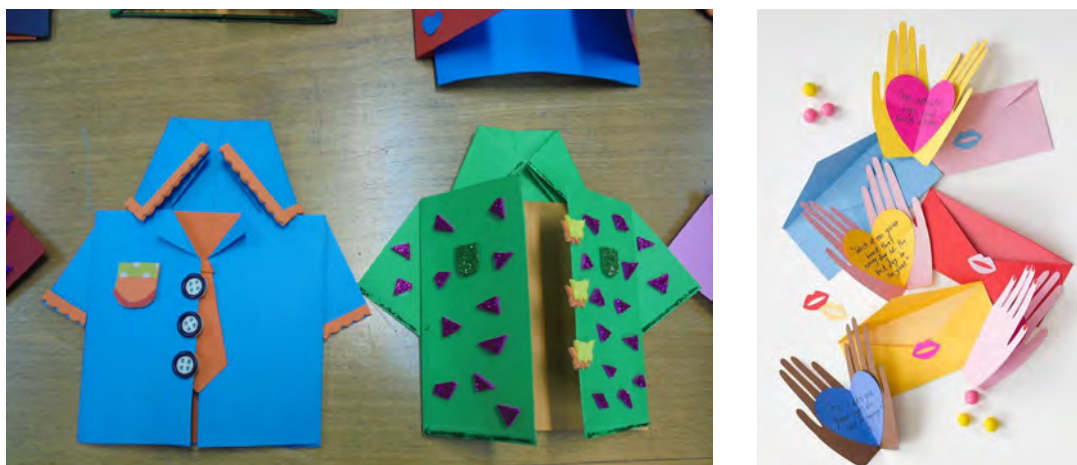


Fig. 79 Trabalho realizado com técnica mista.

CRIAÇÃO DE UMA OBRA EM TÉCNICA MISTA A PARTIR DE UM FENÓMENO PERCEBIDO E ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO

No teu dia-a-dia tens observado muitas coisas, como casas, paisagens, animais, pessoas, entre outros. Tendo em conta isso, faz uma obra, aplicando a técnica mista. Em seguida, a partir da tua imaginação, cria uma obra, dando o acabamento a teu gosto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Soares, V. & Ramos, E. (s.d.). *Educação Visual, 5.º ano.*

Vaz, J & Gomes, C. (s.d.). *Educação visual e tecnológica: Construir ideia.*

Gomes, E. & Porfílio, M. (s.d.). *Educação Visual, 8.º ano.*

Faleiro, A. (s.d.). *Educação visual e tecnológica, gesto, imagem.*

Raquel, A. & Marques, L. (s.d.). *Expressão e Educação Plástica, 4.º ano.*

Rocha, C. de S. & Nogueira, M. M. (s.d.). *Design gráfico.*

Graça, C. C. da. & Trindade, M.^a J. (s.d.). *Educação Visual, 3.º ano, ver e desenhar.*